

O FENÔMENO DE NÃO-ELEVAÇÃO DA VOGAL /E/ NA FALA DE DESCENDENTES DE ESLAVOS DE MALLETT, PARANÁ, BRASIL

Luciane Trennephol da Costa¹
Loremi Loregian-Penkal²

RESUMO

Este artigo³, fundamentado nos pressupostos da Teoria da Variação Linguística (cf. WEINREICH; LABOV e HERZOG, 2006 [1968]), investiga o fenômeno de não-elevação da vogal média anterior /e/, em posição postônica final, e quais as motivações linguísticas e sociais que influenciam esse fenômeno. Os dados são provenientes do Banco VARLINFE e contemplam entrevistas sociolinguísticas de 24 informantes de Mallet, Paraná, Brasil, moradores da zona rural e descendentes de imigrantes eslavos (ucranianos e poloneses). Os resultados indicam um percentual alto de não-elevação da vogal /e/ na amostra pesquisada. Indicam ainda que a não-elevação constitui-se em uma marca identitária do falar local.

Palavras-chave: variação linguística, não-elevação de vogal, identidade linguística, etnia eslava.

Palavras iniciais

A região centro-sul do Paraná concentra grande parte dos imigrantes eslavos – ucranianos e poloneses – que imigraram para o Brasil especialmente no final do século XIX. De acordo com Wachowicz (2010, p. 179), “No final de 1876, surgiram as primeiras notícias sobre a possibilidade de o Paraná receber cerca de 20.000 imigrantes procedentes da Rússia”. Estima-se que entre os anos de 1898 e 1910, cerca de 60.000 ucranianos e poloneses imigraram para o Estado do Paraná, sendo que mais da metade

¹ Professora do Departamento de Letras da Unicentro, campus de Irati. Doutora em Linguística. E-mail: luciane.tcosta@yahoo.com.br

² Professora da graduação e do Mestrado em Letras da Unicentro. Doutora em Linguística, com pós-doutorado em Sociolinguística. E-mail: lpenkal@irati.unicentro.br

³ Este artigo retoma e amplia a análise publicada na Web-Revista Sociodialeto (LOREGIAN-PENKAL e COSTA, 2014). O artigo publicado nessa revista consistiu na análise preliminar de 12 informantes, com foco na elevação da vogal /e/. Aqui temos o dobro de informantes, 24, ampliamos o número de variáveis e analisamos as causas da não-elevação da vogal /e/.

(35.000) deles estabeleceram-se na região de abrangência da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, *campus* de Irati. De acordo com Guérios (2012),

Quando as primeiras grandes levas de ucranianos deixaram a Europa rumo ao Paraná, nos anos de 1895 e 1896, eles eram conhecidos como “rutenos”: era sob essa denominação que a Igreja Católica Romana e as autoridades do Império Austro-Húngaro referiam-se à população camponesa de religião Greco-católica (uniatista) que vivia na Província da Galícia, no extremo leste desse império. (GUÉRIOS, 2012, p. 19).

Ainda de acordo com esse autor, o processo de transformação dos “rutenos” em “ucranianos” começou a ocorrer nos últimos anos do século XIX, ou seja, começou a ocorrer a transformação de como esses imigrantes eram vistos, de “um grupo étnico” para “um grupo nacional”.

Também os imigrantes poloneses, fugindo da dominação russa, imigraram em massa para o Brasil, sendo que o período que se estende de 1889 a 1892 é conhecido como a “febre brasileira”. O destino final era o sul do Brasil, principalmente o Paraná e o Rio Grande do Sul (WACHOWICZ, 2002).

Essa particularidade da história da região reflete-se em uma cultura de fortes traços eslavos nos ritos religiosos, nas cerimônias de casamento, nas danças típicas, na culinária e, principalmente, no uso linguístico. Na comunidade em que a pesquisa foi realizada há muitos falantes bilíngues, e até mesmo trilíngues, e na prática se constata que para muitos falantes a primeira língua, ou língua materna, não é o português brasileiro e sim o ucraniano ou o polonês (COSTA e LOREGIAN-PENKAL, 2015).

O fenômeno que analisamos neste artigo, o processo de não-elevação vocálica, é nitidamente uma das características do falar dos descendentes de eslavos da região e difere do restante do país, pois o fenômeno de elevação da vogal átona final como, por exemplo, a realização de *leite* ['leite] como *leiti* ['leiti] ou *leitfi* ['leitfi] é bastante produtivo no português brasileiro, doravante PB, como apontam trabalhos descritivos clássicos e análises variacionistas contemporâneas. Câmara Júnior (1972), ao descrever o sistema vocálico do PB, apresenta a redução do quadro vocálico na posição átona final, que de sete vogais orais se reduz para apenas três realizações [a i u]. Pesquisas mais recentes também mostram a produtividade da regra variável de elevação no PB como, por exemplo, o estudo de Chaves e Santos (2011) que, analisando a fala do Acre, constata a categorização da regra de elevação na amostra em estudo.

No entanto, ao lado da realização do fenômeno da elevação vocálica no PB, é citada a sua não ocorrência em partes do sul do Brasil. Câmara Júnior, por exemplo, ao tratar do quadro reduzido das vogais em posição átona final também comenta, em nota de rodapé, a não realização da elevação: “(...) Numa ou noutra área do sul do Brasil não há a neutralização e, por exemplo, *jure* (de jurar) se opõe a *júri* (tribunal popular)...” (1972, p. 34).

Vieira (2002) analisa as realizações das vogais médias em posição postônica não-final e final de oito informantes de cada uma das cidades que compõem o Banco de Dados VARSU – Variação Linguística Urbana na Região Sul, totalizando 96 informantes. Os resultados para a vogal postônica final /e/ apontam a variável geográfica como quarta favorecedora à aplicação da regra e também a diferença entre a produtividade da regra nas capitais e no interior dos estados da região sul do Brasil. Porto Alegre apresenta uma porcentagem de 81% de aplicação da regra com peso relativo (doravante P.R.) de 0.99, Florianópolis apresenta 57% de aplicação da regra com P.R. de 0.66 e Curitiba apresenta 37% de aplicação da regra com P.R. de 0.45. As cidades do interior dos estados como, por exemplo, Panambi (RS), Chapecó (SC) e Irati (PR); apresentam porcentagens de aplicação abaixo de 30%. Outras pesquisas variacionistas também mostram a baixa produtividade da regra variável de elevação no sul do Brasil.

Mileski (2013) analisou a elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata, cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, e constatou o uso modesto da regra variável de elevação na comunidade, a vogal /o/ obteve uma porcentagem de aplicação da regra variável de elevação de apenas 5,6% e a vogal /e/ uma porcentagem de apenas 2,5% na amostra investigada.

Configura-se, assim, um quadro antagônico de realização da regra variável de elevação das vogais átonas finais no PB. Há alta produtividade no país, mas a região sul, diferentemente, apresenta áreas de baixa ocorrência. Neste artigo, investigamos os possíveis condicionamentos sociais e linguísticos que favorecem a não-elevação da vogal átona final em amostra da cidade de Mallet, de colonização eslava, no Paraná. Na próxima seção, detalhamos a metodologia utilizada na pesquisa.

Metodologia

Na pesquisa realizada, adotamos os pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação Linguística (cf. WEINREICH; LABOV e HERZOG, 2006 [1968]). Dessa forma, levantamos, por meio da análise de oitiva, os dados de elevação e de não-elevação da vogal média-alta anterior /e/ em posição átona final de 24 entrevistas sociolinguísticas (com no mínimo 40 minutos de fala cada) da cidade de Mallet⁴, Paraná. As entrevistas fazem parte do banco de dados Variação Linguística de Fala Eslava, VARLINFÉ, que contém amostras de fala de seis cidades do centro sul do Paraná, quais sejam, Irati, Mallet, Prudentópolis, Rio Azul, Rebouças e Ivaí.

Os informantes do VARLINFÉ são moradores da zona rural de forte colonização eslava (ucraniana e polonesa) dos 6 municípios acima elencados e todos possuem descendência eslava (por parte de pai/mãe ou de ambos). Além disso, foi controlado se o entrevistado era ou não representativo da comunidade pesquisada: ele não poderia ter viajado para outras localidades (por exemplo, o informante não poderia ter sido caminhoneiro ou vendedor). Além disso, deveria ter envolvimento concreto com a cultura eslava local (participar de missas, catequese, conhecer comidas típicas/artesanatos etc.).

Para a montagem do banco VARLINFÉ, definiu-se que cada município deveria ser representado na amostra por um conjunto de 24 entrevistas, correspondentes a 12 perfis (2 sexos x 3 níveis de escolaridade x 2 faixas etárias), cada um representado por dois entrevistados. Com a definição desses perfis, buscou-se localizar informantes em diferentes localidades da zona rural com população permanente considerável.

Na análise dos dados desta pesquisa, utilizamos o programa GoldVarb 2001 (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001), versão para *windows* do pacote de programas VarbRul – *Variable Rules Analysis*, que compreende “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007, p. 105).

Na próxima seção, apresentamos as variáveis sociais e linguísticas estabelecidas para a análise proposta.

⁴ Maiores detalhes a respeito da localização e colonização de Mallet podem ser obtidos em Loregian-Penkál, Costa e outros (2013). Ver também Loregian-Penkál e Costa (2014).

Variáveis analisadas

Para esta análise, levamos em consideração 24 informantes do Banco de dados VARLINFE, estratificados da seguinte forma: (i) 12 do sexo feminino e 12 do masculino; (ii) 12 de 25 a 49 anos; 12 de 50 anos ou mais; (iii) 8 informantes do primário (1 a 4 anos de escola); 8 do ginásio (5 a 8 anos de escola); 8 do colegial (9 a 11 anos de escola) de cada uma das faixas etárias.

Foram levantadas todas as ocorrências da vogal média anterior /e/ em contexto silábico postônico final de entrevistas sociolinguísticas. Os entrevistados eram moradores da zona rural do município de Mallet e todos eram descendentes de poloneses/ucranianos com forte vivência na cultura dessas etnias.

O levantamento dos dados se deu por parte das pesquisadoras e foi feito por intermédio de análise de oitava. Como variável dependente postulamos a não-elevação de /e/ final *versus* a elevação de /e/ final. Nas rodadas, definimos como valor de aplicação da regra a não-elevação. As variáveis sociais analisadas foram quatro, quais sejam: idade (25 a 49 anos; 50 anos ou mais); escolaridade (1 a 4; 5 a 8; 9 a 11 anos de escola); sexo (masculino; feminino) e etnia (ucraniana, polonesa ou híbrida). As variáveis linguísticas independentes consideradas na análise e seus respectivos exemplos de ocorrência seguem especificados a seguir.

1. Tipo de som consonantal em contexto precedente

1.1 Oclusiva [p, b, t, d, k, g]: “nóis ia pra aula cedo **desde** os seis ano né”⁵ (Ma1F2Gin)⁶

1.2 Fricativa [f, v, s, z, ʃ, ʒ, x] “E que nem **catequese** nóis ia na catequese” (Ma1F2Gin)

1.3 Nasal [m, n, ɲ]: “Essas coisa **carne**, bolacha” (Ma20F1Pri)

1.4 Lateral [l, ʎ]: “Mãe, **olhe** lá onde ela tá.” (Ma4F1Col)

1.5 Rótico [r]: “Se **sofre** não” (Ma23M1Gin)

1.6 Africada [tʃ, dʒ]: “Essa é soltera tá com **vintchi** cinco anos” (Ma1F2Gin).

2. Ponto de articulação do som consonantal em contexto precedente

⁵ Nos exemplos dos dados de fala, optamos por transcrição ortográfica simples.

⁶ Notação que identifica os informantes e as variáveis sociais: Ma – Mallet, número que identifica o informante, M ou F – sexo, 1 ou 2 – 1 faixa etária até 50 anos e 2 faixa etária mais de 50 anos, Pri (Primário), Gin (Ginásio), Col (Colegial) – grau de escolaridade.

- 2.1 Bilabial [p, b, m]: “Então é um prejuízo **enorme** essas pessoas” (Ma27M2Gin)
- 2.2 Labiodental [f, v]: “**Nove** hora levanta” (Ma6M1Pri)
- 2.3 Alveolar [t, d, n, s, z, r, l]: “O **padre-** o **padre** também gosta né?” (Ma23M1Gin)
- 2.4 Pós-alveolar [ʃ, dʒ, ʒ, ʒ]: “Muito **longe** não fui” (Ma15F2Col)
- 2.5 Palatal [ɲ, ʎ]: “Mãe, **olhe** lá onde ela tá.” (Ma4F1Col)
- 2.6 Velar [k, g, x]: “Né **porque** precisa de aulas” (Ma23M1Gin).

3. Tipo de som em contexto posterior

Se consoante:

- 3.1 Oclusiva [p, b, t, d, k, g]: “Pode **terminá**” (Ma6M1Pri)
- 3.2 Fricativa [f, v, s, z, ʃ, ʒ, x]: “**Sempre** **falam**” (MA15F2Col)
- 3.3 Nasal [m, n, ɲ]: “**Hoje não**” (Ma6M1Pri)
- 3.4 Lateral [l, ʎ]: “Fazendo faculdade **lá** em Irati” (Ma2M2Col)
- 3.5 Rótico [r]: “**Elis** reformaram” (MA15F2Col)
- 3.6 Africada [ʃ, dʒ] : “Antigamenti **tchinha** que” (Ma6M1Pri).

Se vogal:

- 3.7 Anterior alta [i]: “Se ela autorizassi **intera** sala” (Ma9M1Col)
- 3.8 Anterior média [e, ε]: “**Hoje em** dia” (Ma6M1Pri)
- 3.9 Posterior alta [u]: “Se existe **um** desequilíbrio” (Ma9M1Col)
- 3.10 Posterior média [o, ɔ]: “**Lá de sete** hora” (Ma1F2Gin)
- 3.11 Baixa [a]: “**Não como hoje** **as** criança” (Ma6M1Pri)
- 3.12 Pausa: “É feliz mas não **sabi...**” (Ma9M1Col)

4. Ponto de articulação do som consonantal seguinte

- 4.1 Bilabial [p, b, m]: “Meus familiares **minha**” (MA15F2Col)
- 4.2 Labiodental [f, v]: “**Sempre** **fomo** muito” (Ma9M1Col)
- 4.3 Alveolar [t, d, n, s, z, r, l]: “Por parte **da** mãe” (Ma1F2Gin)
- 4.4 Pós-alveolar [ʃ, dʒ, ʒ, ʒ]: “Na cidade **já** é” (Ma6M1Pri)
- 4.5 Velar [k, g, x]: “Desde **criança**” (Ma6M1Pri).

5. Sonoridade do segmento precedente

- 5.1 Vozeado: “**Hoje** não sei” (Ma23M1Gin)
- 5.2 Desvozeado: “Aquele tipo **choque** de...” (Ma1F2Gin).

6. Tipo de sílaba

6.1 Com coda: “Mas dependendo da comunidade as vezes tem mais poloneses”

(Ma23M1Gin)

6.2 Sem coda: “É um lote urbano” (Ma27M2Gin).

7. Presença/ausência de vogal alta na palavra

7.1 Presença de vogal alta: “mas de **noite** não tinha luz” (Ma2M2Col).

7.2 Ausência de vogal alta na palavra: “**desde** cinco ano na roça” (Ma1F2Gin).

Estas sete variáveis linguísticas, somadas às variáveis sociais *sexo*, *escolaridade*, *idade* e *etnia* foram devidamente codificadas para que pudéssemos rodar o programa GoldVarb, cujos resultados encontram-se na seção a seguir.

Principais resultados obtidos

A escuta de oitiva das 24 entrevistas gerou um total de 2.882 dados com vogal anterior átona final, com 433 ocorrências de elevação, um percentual de 15%, e 2.499 ocorrências de não-elevação, um percentual de 85%, confirmando a referida baixa aplicação da regra no Paraná. O GoldVarb selecionou as seguintes variáveis como relevantes à não aplicação da regra de elevação de [e] átono final em Mallet, nesta ordem: 1. tipo de consoante em contexto precedente, 2. etnia, 3. sexo, 4. escolaridade, 5. ponto de articulação da consoante precedente, 6. presença ou ausência de vogal alta na sílaba precedente e 7. faixa etária. Na tabela 1, podemos visualizar o papel inibidor da variável tipo de consoante em contexto precedente, com um P.R. de 0.66 favorável à não-elevação da vogal átona final.

Tabela 1 – Tipo de consoante em contexto precedente

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	P.R.
Oclusiva	1733/1852	93%	0.66
Nasal	73/96	76%	0.24
Rótico	188/239	78%	0.24
Lateral	131/172	76%	0.24
Fricativa	324/498	65%	0.21
Africada	0/25	0%	Nocaute
Total	2449/2882	85%	-

Input: 0,915

Significância: 0,036

Em estudo anterior que investigou as variáveis favorecedoras à elevação da vogal média postônica final (LOREGIAN-PENKAL e COSTA, 2014), o tipo de consoante em contexto precedente foi selecionado como primeiro fator condicionante. No entanto, as consoantes favorecedoras foram, em ordem de importância, o rótico (0.79 de P.R.), a lateral (0.78 de P.R.) e a fricativa (0.71 de P.R.). Coerentemente, portanto, os fatores que favorecem o fenômeno de elevação são os mesmos apontados como pouco condicionadores à manutenção da vogal média com a não-elevação.

A seleção do som consonantal oclusivo em contexto precedente como primeira variável condicionadora à não-aplicação da elevação, demonstra que parece haver uma possível interferência ou confluência da regra de palatalização⁷ na elevação da vogal média postônica final. Como pode ser observado na Tabela 1, no contexto anterior de som africado, a aplicação da regra de elevação foi categórica. Como os falantes da amostra não estão aplicando a regra de elevação, por consequência também não estão aplicando a regra de palatalização das oclusivas alveolares. Talvez o ponto de articulação na realização das oclusivas ou da vogal produzida na posição postônica destes falantes bilíngues de Mallet seja uma boa hipótese para o não uso da regra de palatalização.

Descrições do polonês (GUSSMANN, 2002) mostram as diferenças de ponto de articulação dos sons desta língua com o português. No sistema vocálico, o polonês possui seis vogais orais [i ɨ ε a u ɔ], nota-se a falta das vogais médias [e o] e a vogal [ɨ] é descrita como frontal, meio fechada e retraída. Interessante também é o registro de Gussmann (2002, p. 60) do fenômeno de não palatalização da vogal [ɨ] que, por ter uma articulação mais retraída ou central e considerada fonologicamente como uma vogal central na representação subjacente, teria um papel inibidor da palatalização de consoantes no polonês. No sistema consonantal, é mais flagrante a possível interferência do ponto de articulação das consoantes polonesas na articulação dos sons consonantais do PB pelos falantes descendentes de imigrantes eslavos em Mallet. Gussmann (2007, p. 5) descreve as consoantes [t d] como tendo um ponto de articulação dental. A anterioridade de articulação dos sons consonantais e a centralização da vogal [ɨ] talvez possam justificar a não-elevação e a ausência de palatalização.

Da língua ucraniana, até pelas especificidades de formação e independência do

⁷ Fenômeno no qual as oclusivas alveolares [t , d] adquirem uma articulação palatalizada diante da vogal alta [i].

um menor contato com o aprendizado do polonês que do ucraniano, menor contato/manutenção de atividades culturais: danças, artesanatos, comidas típicas, etc. Menor “atenção” dos padres/religiosos poloneses descendentes se comparados aos ucranianos, entre outros.

No tocante aos híbridos, uma característica dos falantes analisados é que a descendência ucraniana é constatada por parte de mãe e/ou esposa e a polonesa é por parte de pai e/ou marido da informante. Percebe-se nos relatos dos informantes da comunidade analisada, o que é reforçado também pelos resultados da variável sexo, que as mulheres têm um papel decisivo na manutenção das características linguísticas do falar local (COSTA e LOREGIN-PENKAL, 2015).

A seguir temos o resultado obtido para a variável sexo. Ressalta-se a importância estatística da variável em questão, pois foi a terceira selecionada pelo GoldVarb em termos de relevância no tocante à não-elevação estudada.

Tabela 3 – Sexo

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	P.R.
Feminino	1255/1395	89%	0.62
Masculino	1194/1487	80%	0.38
Total	2449/2882	85%	

Input: 0,915

Significância: 0,036

As mulheres lideram o uso de “gente, que leite quente!” e expressões similares em que a sílaba átona final é constituída de consoante mais a vogal e pronunciada como [e] e não como [i], como ocorre em boa parte do Brasil. A diferença é de 0.62 para 0.38 de P.R., o que dá 24 pontos de diferença entre mulheres e homens.

É importante considerar que são as mulheres da comunidade as principais responsáveis pela educação dos filhos, seguidas pela escola e pela igreja, pois são elas que ficam em casa com os filhos pequenos, enquanto o marido (provedor da família) vai à roça fazer o plantio e a colheita dos produtos agrícolas cultivados na comunidade. A tarefa de dona de casa ainda é ocupada, em 100% dos casos pesquisados, pelas mulheres. Assim, mesmo que há mulheres que também auxiliem na roça, pelo menos na parte da manhã essas ficam em casa para fazer os trabalhos domésticos e preparar o almoço para que o marido possa ter o que comer quando voltar da “lida”. Dessa forma, conseguimos ter uma leve noção da importância e do papel das mulheres para a manutenção desse fenômeno linguístico na família e na comunidade em estudo.

A quarta variável selecionada foi a escolaridade. Os resultados apontam que são os informantes de 5 a 8 anos de escola que mantêm mais as características locais no tocante à não-elevação da vogal /e/, como pode ser conferido na Tabela 4.

Tabela 4 – Escolaridade

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	P.R.
5 a 8 anos de escola	747/823	90%	0.63
1 a 4 anos de escola	550/732	75%	0.45
9 a 11 anos de escola	1152/1327	86%	0.44
Total	2449/2882	85%	

Input: 0,915

Significância: 0,036

Os informantes de 1 a 4 e os de 9 a 11 anos de escola tiveram um comportamento linguístico bastante similar no tocante ao fenômeno analisado: ambos os grupos aparecem com pesos próximos ao ponto neutro e com leve favorecimento à elevação⁹.

O ponto de articulação do som consonantal em contexto precedente foi a quinta variável selecionada pelo programa como favorável à não-elevação, tendo os pontos alveolar e bilabial como os primeiros fatores favoráveis à não-elevação, mas bem próximos do ponto neutro, conforme a Tabela 5. Outros trabalhos variacionistas também mostram o papel do ponto de articulação na realização da elevação do /e/ átono final, embora determinem o contexto precedente em função de traços fonológicos distintivos. Em Machry da Silva (2009), os contextos precedentes menos favorecedores à elevação foram justamente o labial, exemplificado com os sons [p, m], e coronal [+ anterior], exemplificado com os sons [d, n]. Também em Mileski (2013), os contextos precedentes menos favorecedores à elevação foram o labial e o coronal [+ anterior]. O fato das articulações anteriores favorecerem à não-elevação coaduna-se com nossa hipótese aventada na variável tipo de som consonantal, selecionada como o primeiro fator favorável à não-elevação, da influência do sistema das línguas eslavas no PB produzidos pelos falantes bilíngues, e às vezes até trilíngues, de Mallet.

Tabela 5 – Ponto da consoante em contexto precedente

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	P.R.
Alveolar	1871/2138	87%	0.53
Bilabial	129/146	88%	0.54

⁹ Devido à extensão do texto, as variáveis sociais serão objeto de análise em outro artigo, a sair.

Velar	290/314	92%	0.38
Labiodental	30/52	57%	0.37
Pós-alveolar	124/207	59%	0.35
P – pausa	5/25	20%	0.11
Total	2449/2882	85%	

Input: 0,915

Significância: 0,036

A sexta variável selecionada como favorecedora à não-elevação da vogal átona postônica final foi a presença ou ausência de vogal alta na palavra. Em Vieira (2002), a presença de vogal alta na palavra contribui para a elevação da vogal /e/ postônica final. Investigamos com essa variável a possível interferência da realização de uma vogal alta na palavra em contexto anterior à sílaba postônica final.

Tabela 6 – Presença ou ausência de vogal alta da palavra

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	P.R.
Y – ausência	1869/2193	85%	0.52
X – presença	580/689	84%	0.42
Total	2449/2882	85%	

Input: 0,915

Significância: 0,036

Podemos observar na Tabela 6 a pouca diferença, tanto em termos de porcentagem como em termos de P.R., da presença ou ausência de vogal alta na palavra. No entanto, nesta etapa da pesquisa, não discriminamos a qualidade da vogal alta na palavra, nem sua posição silábica. Em Vieira (2002, p. 152), a presença de vogal alta, tanto /i/ como /u/, oferecem um contexto favorável à elevação da vogal média /e/ com porcentagem de 60% e P.R. 0.76. Como estamos analisando os fatores favoráveis à não-elevação, não esperávamos que esta variável fosse selecionada, no entanto, há pouca diferença entre a presença e a ausência de vogal alta na palavra.

A sétima e última variável apontada como relevante foi a faixa etária.

Tabela 7 – Faixa Etária

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	P.R.
50 anos ou mais	1366/1548	88%	0.53
25 a 49 anos	1083/1334	81%	0.45
Total	2449/2882	85%	

Input: 0,915

Significância: 0,036

Temos os informantes de 50 anos ou mais de nossa amostra com 0,53 de P.R. e os de 25 a 49 anos com 0,45 de P.R.. Observa-se que são os mais jovens que fazem

maior uso da elevação da vogal /e/ e também que essa diferença não é muito polarizada, diferença de 0,8 pontos entre as variantes, ambas bastante próximas ao ponto neutro (0.50).

No tocante à variação estável/mudança em progresso, os números não nos permitem tirar grandes conclusões. É preciso levar em conta que os falantes de 50 anos ou mais possuem a tendência geral de se mostrarem mais conservadores que os falantes mais jovens em vários aspectos, inclusive em relação à linguagem. Logo, podemos estar diante de um fenômeno de gradação etária que se repete a cada geração.

Considerações finais

Conforme apontamos ao longo do texto, o fenômeno de não-elevação de vogais tem sido apontado como uma das características linguísticas do dialeto paranaense tradicional (que envolve a região pesquisada). Na pesquisa realizada, com a análise de 24 informantes e 2.882 dados no total, notamos que há um percentual de, apenas, 15% de elevação da vogal /e/ estudada. As variáveis selecionadas pelo programa estatístico como favoráveis à não-elevação do /e/ átono final na amostra, com os maiores pesos relativos, foram: o tipo de som consonantal no contexto precedente/oclusiva, P.R. de 0.66; a etnia híbrida e a ucraniana com, respectivamente, P.R. de 0.81 e 0.68; as mulheres, com 0.63 de P.R.; falantes de 5 a 8 anos de escola (P.R. de 0.63); ponto da consoante em contexto precedente/bilabial (P.R. de 0;54); ausência de vogal alta na palavra (P.R. de 0.52) e faixa etária mais velha (50 anos ou mais) com P.R. de 0.53.

Como já referimos, hipotetizamos que possíveis interferências do ponto de articulação das consoantes [t , d] nos sistemas consonantais do polonês e do ucraniano possam ocorrer no PB falado pelos falantes bilíngues e trilíngues, alguns até com a língua eslava como primeira língua (COSTA e LOREGIAN-PENKAL, 2015) da comunidade de Mallet.

Quanto à variável etnia, hipotetizamos que a não-elevação do /e/ átono final seja uma marca linguística desta comunidade de fala. Em sociolinguística, a partir de Labov (1994), marcas linguísticas identificadoras, como a aqui analisada nos falantes descendentes de eslavos de Mallet, são classificadas como *marca, estereótipo*, conforme o significado social daquilo que identifica determinados falantes e fenômenos dialetais.

Na comunidade pesquisada, a marca linguística do “leite quente”, juntamente com outras características linguísticas, muitas ainda a serem descritas e analisadas, é sinônimo de identificação entre os falantes, é sinônimo de natividade e de pertencimento a um grupo social: o de descendentes de eslavos.

Referências

- CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- CHAVES, L. M. N.; SANTOS, F. L. C. A realização das vogais médias átonas finais nas cartas fonéticas do alto Acre. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 5, 2011, Rio de Janeiro. *Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Vol. XV, nº 5, T 2 Rio de Janeiro: CiFEFil, 2011.
- COSTA, L. T. e LOREGIAN-PENKAL, L. *A coleta de dados do banco VARLINFE – variação linguística de fala eslava: peculiaridades e características*. In.: *Revista Conexão UEPG*. v. 11, n. 1, 2015. Págs. 100-110.
- GUÉRIOS, P. R. *A imigração ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião*. Curitiba: Editora UFPR, 2012.
- GUSSMANN, E. *The Phonology of Polish*. New York: Oxford, 2002.
- GUY, G. e ZILLES, A. *Sociolingüística quantitativa*. São Paulo: Parábola, 2007.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Vol. 1: Internal factors. Oxford: Basil Blackwell. 1994.
- LOREGIAN-PENKAL, L.; COSTA, L. T.; LEMKE, C. e JACUMASSO, T. (2013). Banco de dados Variação Linguística de Fala Eslava VARLINFE. In: CAMPIGOTO, J. A.; CHICOSKI, R. (Orgs.). *Brasil-Ucrânia: Linguagem, Cultura e Identidade*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013. p. 25-43.
- LOREGIAN-PENKAL, L.; COSTA, L. T. Elevação da vogal /e/ na fala de descendentes de poloneses de Mallet-PR: uma análise variacionista. In.: *Web-Revista Sociodialeto*. Vol. 4. Número 12, maio de 2014.
- MACHRY DA SILVA, S. *Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS*. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de Concentração: Estudos Linguísticos). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009. 172 p.
- MILESKI, I. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS*. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de Concentração: Estudos Linguísticos). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013. 153 p.

REPRESENTAÇÃO CENTRAL UCRANIANO-BRASILEIRA. Curitiba, 2015. Disponível em <<http://www.rcub.com.br>>. Acesso em 18 de março de 2016.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; & TAGLIAMONTE, S. *Goldvarb 2001*. Disponível em: <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

SLAVUTYCH, Y. *Manual da Língua Ucrâniana*. Curitiba: Centro Brasileiro de estudos Ucranianos, 1976.

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

WACHOWICZ, R. C. *História do Paraná*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

_____. *As escolas da colonização polonesa no Brasil*. Curitiba: Champagnat, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W. e HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WOUK, M. *Estudo etnográfico-linguístico da comunidade ucrâina de Dorizon*. Curitiba: Projeto, 1981.

THE PHENOMENON OF NON-ELEVATION OF THE VOWEL /E/ IN THE SPEECH OF SLAVIC DESCENDANTS FROM MALLET, PARANÁ, BRAZIL

ABSTRACT

The present article, which is grounded on the Variation Theory's assumptions (cf. WEINREICH; LABOV e HERZOG, 2006 [1968]) and linked to the group VARLINFE from UNICENTRO/CNPq, investigates the phenomenon of non-elevation of the front-central vowel /e/ in unstressed final position and the linguistic and social motivations. The data contemplates sociolinguistic interviews of 24 subjects from Mallet, Paraná. The subjects live in the rural area and are descendants of Slavic immigrants. The results indicate a low percentage of the elevation realization in the sample researched and also that the non-elevation seems to be one of the identity traits in the local speech.

Keywords: linguistic variation, non-elevation of the vowel, linguistic identity, Slavic ethnicity.

Recebido em 24/03/2016.

Aprovado em 22/05/2016.